

Entre uma prosa e outra, um Cordel

I Antologia do Festival de Poetas Manassés Diogo Mouta



Márcia Feijão e Natan Feijão

*aluá*editora

aluáeditora

I Antologia do Festival de Poetas

Manassés Diogo Mouta

Márcia Feijão e Natan Feijão
Organizadores

Entre uma prosa e outra, um cordel.

I Antologia do Festival de Poetas Manassés Diogo Mouta.

©2025 Copyright by Márcia Feijão e Natan Feijão

ISBN n° 978-65-982931-4-7

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou a utilização para fins comerciais.

Diagramação

Alessandro Freitas

Ilustração

Silva Barros

Revisão de Texto

Rodrigo Marques

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Entre uma prosa e outra, um cordel [livro eletrônico] : I Antologia do Festival de Poetas Manassés Diogo Mouta / organização Márcia Feijão , Natan Feijão. -- Quixadá, CE : Aluí Editora, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-982931-4-7

1. Poesia brasileira - Coletâneas I. Feijão, Márcia. II. Feijão, Natan.

25-288980

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira
B869.108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro foi diagramado utilizando a fonte

Merrriweather do Estúdio Sorkin Type.

CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO	6
Márcia Maria Alves Feijão	
VENCENDO A MORTE	9
Manassés Diogo Mouta	
DESPEDIDA DA CASA	10
Manassés Diogo Mouta	
TRIBUTO A MANASSÉS DIOGO MOUTA	11
Natan Feijão	
A HISTÓRIA DE NICA	14
Terezinha Feijão	
MEDINHO E MEDÃO	17
Terezinha Feijão	
LIÇÕES DE CONSELHEIRO	19
Diogo Miguel	
MULHERES QUE INSPIRAM	21
Diogo Miguel	

ESPERANÇAR	22
Diogo Miguel	
BECO DA POESIA	23
Ana Mara Farias	
DEPOIS	24
Ana Mara Farias	
SOLIDEZ EFÊMERA	25
Ana Mara Farias	
ARRAIÁ DA CASA DOS MOUTAS	26
Gustavo Mouta	
VERSANDO A CASA DO ALTO	27
Beth Mouta	
RECORDAÇÕES	31
Beth Mouta	
CASAMENTO DE SAMIRA	35
Beth Mouta	
LAR	38
Cláudia Mouta	
INSPIRAÇÃO	40
Eunice Mouta	

EFÊMERA	41
Samira Rachel dos Santos	
O NATAL DOS MOUTAS	42
Pedro Henrique dos Santos	
ANATOMICAMENTE ANÔNIMO	43
Raquel Feijão	
QUEM SOU...	45
Rosinha Feijão	
UM PASSEIO DE BUSÃO	46
Rosinha Feijão	
SAUDADE DO SÃO JOAQUIM	48
Lívia Ravena	
AH SE...	51
Natan Feijão	
SETE BESTIDADES, O GALO QUE BUSCAVA O DIA	53
Natan Feijão	
E POR FALAR EM TEMPO...	56
Márcia Feijão	
PARTICIPAM DESSA ANTOLOGIA	57

PREFÁCIO

Por Natan Feijão

Da vida se faz uns versos,
sem usar fórmula secreta.
No alpendre da velha casa,
todos têm a mesma meta:
conversas viram um sarau,
o povo faz festival
e nasce mais um poeta.

Fazendo verso rimado
das coisas do dia a dia:
a vivência na fazenda,
a descendência de Maria,
aventuras e viagens,
as histórias de visagens
que de noite aparecia.

O verso do bom vaqueiro,
que há tempos campeava;
o Pavão Misterioso,
que vovô sempre contava;
aqueles baião de viola,
que no caminho da escola
sempre alguém cantarolava.

São incontáveis cordéis
que contam a trajetória
da casa em cima do alto,
que marca toda uma história.
Já foi casa, foi tapera,
foi passado, hoje prospera,
pois é Casa de Memória.

Das memórias dos poetas,
das maiores cantorias,
dos forrós e das tertúlias,
da cultura e alegria,
do pulsar da tradição,
que evoca o coração
no terreiro da magia.

Assim se faz poesia,
semeando como planta.
No Natal e no São João,
o povo todo se encanta.
Perpetua a cultura,
cordel e literatura
para o poeta que canta.

Poeta cantando vive
na força da natureza:
o banzeiro do açude,
do céu, toda a beleza;
a fé do seco sertão,
que almeja terra e pão
sem ter sede de riqueza.

A riqueza no sertão
é a farta gastronomia:
uma barraca de quermesse,
mesa cheia todo dia.
É milho lá na fogueira,
improvisado a noite inteira
em versos de poesia.

Os causos e as histórias
do reisado no terreiro,
a serra que ainda ecoa,
o aboio do vaqueiro,
a sabença dos profetas
faz Festival de Poetas
à sombra d'um juazeiro.

Tão potente e grandioso,
da cultura faz difusão.
Ressignifica a história
de geração em geração.
Lá na Casa do Vovô,
o cordel tem seu valor:
é arte, é transformação.

Apresentação

O Festival de Poetas surgiu nos momentos de descontração no alpendre da casa de Manassés Diogo Mouta, atualmente conhecida por Casa dos Mouta, onde membros da família se reúnem por diversas horas para contar os causos da vida em cordel. Uma história puxa outra e depois outra... Uma rima antiga que retorna à mente por estar aproximada da história contada. Enfim, de tantos encontros informais no seio da família, surgiu formalmente o Festival de Poetas da Casa dos Moutas, que hoje já apresenta a sua III edição. O festival faz uma homenagem ao saudoso Manassés Diogo Mouta, patriarca da família, que foi um grande contador de causos, cordelista regional que não teve sua arte reconhecida, mas que foi muito respeitado pelas pessoas da Comunidade de São Joaquim em Quixeramobim, Ceará, onde morou desde a infância e construiu uma família grande, unida e amante da cultura popular, em especial da Literatura de Cordel.

O que antes era uma brincadeira de família ganhou amplitude pela importância cultural e formativa, além de ser um chamamento para novas gerações conhecerem, apreciarem e se apropriarem da Literatura de Cordel, o gênero poético mais declamado, criado e valorizado pelos participantes. O evento reúne um público diversificado, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pois abrimos editais públicos e gratuitos com a perspectiva de proporcionar a inclusão de todos e todas em um mesmo ambiente de alegria, de arte e cultura.

Atualmente, o Festival de Poetas Manassés Diogo Mouta acontece com inscrições prévias e premiações. É uma com-

petição para avaliar a performance dos artistas que se apresentam e premiar aqueles de maior destaque. Para além da competição, o principal foco é a difusão da cultura rimada, se perpetuando e se mantendo viva pelas próximas gerações. A cada Festival, é uma semente sendo plantada no coração de cada sujeito que participa e leva consigo o desejo de estar presente nos próximos encontros.

O Festival de Poetas Manassés Diogo Mouta é potente e necessário para a Comunidade de São Joaquim, uma vez que proporciona à comunidade o resgate, a difusão da poesia popular e o incentivo à produção de textos literários. É um espaço para acolhimento de todas as idades e no dia da apresentação movimenta a todos da comunidade, em especial o público infante-juvenil que é tão carente de habilidades da cultura popular, que vem sendo massacrada ano após ano pelas culturas de massa, mesmo reconhecendo a importância das duas na formação de sujeito, sendo que a cultura popular enriquece e potencializa competências até desconhecidas.

Com o fomento cultural, através da Lei Paulo Gustavo, no “13º EDITAL CEARÁ DAS ARTES”, foi possível realizar de maneira mais dinâmica, concreta e acessível, as atividades referentes ao Festival de Poetas.

O 13º EDITAL CEARÁ DAS ARTES é uma ação continuada da Secretaria da Cultura do Ceará. Anteriormente denominado Edital de Incentivo às Artes, tem como objetivo incrementar a criação e a produção cultural, por meio de iniciativas individuais ou coletivas de artistas, curadores, pesquisadores, produtores, educadores e demais profissionais que realizam atividades no campo das artes. Fomentando processos de criação, produção, difusão, formação, pesquisa, intercâmbio e fruição das expressões artísticas; Incentivando a sustentabilidade de artistas, grupos, coletivos, companhias e demais profissionais e empreendimentos culturais; Valorizando a produção artística do Estado, contribuindo para a geração de renda de artistas,

técnicos e fazedores de cultura em geral, grupos, coletivos e companhias culturais, contribuindo para a inclusão social, o fortalecimento da cidadania e a efetivação dos direitos culturais no estado do Ceará. Este edital de fomento promove os direitos de acesso às políticas do campo cultural e é parte das ações previstas pela Lei Paulo Gustavo - LPG (Lei Complementar n. 195/2022), marco de resistência da Cultura e o maior investimento direto já realizado no setor cultural brasileiro”. (Ceará 2023, disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/oportunidade/4725/>).

Nessa perspectiva, ser contemplado em um fomento cultural do Estado do Ceará, vislumbra ainda mais o poder transformador do Festival e assegura a possibilidade desse trabalho importante de difusão da Literatura de Cordel se expandir para outros espaços e ainda ultrapassar gerações através do registro impresso e da oralidade. Portanto, o Festival de Poetas apresenta de modo leve e amoroso a potência da literatura. Evidenciar visões ressignificadas por meio desse projeto é gratificante, pois mesmo simples carrega uma grandiosidade de ações de transformação social.

Márcia Maria Alves Feijão
Agente Cultural Proponente do
Festival de Poetas - Manassés Diogo Mouta

VENCENDO A MORTE

Manassés Diogo Mouta

Estive no hospital,
bem fora do meu sentido,
mas por Deus fui protegido,
me deu a força moral.
Voltei pro meu ideal,
passou aquela loucura.
Aí recebi a cura
que Jesus mandou pra mim.
Não realizei meu fim,
mas tive na dependura.

Deixo um abraço apertado
pra os meus amigos leal,
que dentro do hospital
permaneceram ao meu lado.
Naquele mortal estado,
a família entristecida
e a morte enfurecida,
só esperando o despacho
pra, com seus terríveis braços,
tirar minha triste vida.

Já tinha um caixão fúnebre
pronto pra minha embalagem,
pra fazer minha viagem
de casa pro cemitério.
Era um problema bem sério,
um momento de saudade.
Mas Jesus, em sua bondade,
mandou a minha melhora.
Não era dia nem hora
de ir pra eternidade.

E Jesus, naquela hora,
chamou São Miguel Arcanjo,
reuniu todos os anjos
e mandou a morte embora:
“Vá e siga sem demora,
deixa esse homem em paz.”
A morte, triste demais, disse:
“Com Deus eu não zombo.”
Botou a foice no ombro
e saiu olhando pra trás.

DESPEDIDA DA CASA

Manassés Diogo Mouta

*Adeus, antiga morada,
onde criei minha família.
Adeus, meu querido lar,
adeus, bailes de alegria.*

Adeus, antiga morada,
onde morei muitos anos.
Agora estou me ausentando,
não posso morar contigo,
mas vou levando comigo
a minha esposa adorada.
Por plano da filharada,
estou fazendo essa manobra.
Adeus, meus pés de algaroba,
adeus, antiga morada.

Adeus, alpendre, adeus, terreiro,
adeus, sala, adeus, cozinha,
corredor e camarinha,
adeus, sótão, adeus, banheiro.
Adeus, tempos passageiros
que trouxe o meu dia a dia.
Não posso ter alegria,
nem tenho satisfação
pra desprezar a mansão
onde criei minha família.

Adeus, tempos de outrora,
quando eu tinha meus vizinhos.
E hoje me vejo sozinho,
porque eles foram embora.
Antes que chegue a piora,
foi preciso eu me mudar.
Sozinha eu vou te deixar,
mas, enquanto eu existir,
não me esquecerei de ti.
Adeus, meu querido lar.

Vivi muitas coisas boas
do passado até agora,
nessa vida trajetória
junto com minha patroa.
O tempo não anda, voa
nessa feliz moradia.
E quando amanhece o dia,
que vejo a luz do sol,
digo para o arrebol:
adeus, bailes de alegria.

TRIBUTO A MANASSÉS DIOGO MOUTA

Natan Feijão

De Manassés tenho saudade,
que morou aqui um dia,
onde criou sua família
e viveu sua mocidade.
Um morador de verdade,
que pude um dia abrigar,
mas teve que se ausentar
por plano da filharada.
A sua antiga morada
saudosa quer lhe falar.

Depois da sua partida,
o alpendre ficou sem brilho,
a porta saiu do trilho
e a sala, entristecida.
Tua algaroba, sofrida,
lembra de ti todo dia.
Não tenho mais estadia
e sente falta o terreiro.
Lembra os tempos passageiros,
onde morou alegria.

Hoje, me recordando
da festa que acontecia,
dos teus bailes de alegria,
que fazia todo ano,
pois tava aniversariando
e todo mundo convidava.
A felicidade contagiava
e hoje, de pé novamente,
se tu tivesse presente,
com certeza se alegrava.

O lar que tu habitou
hoje guarda a descendência,
que carrega tua essência
e os teus dons, que herdaram.
Com carinho reavivaram,
enaltecendo a história,
te levando na memória,
fazendo com que, todo dia,
lembre os bailes de alegria
que viveste aqui outrora.

Manassés, descanse bem,
que tua antiga morada,
agora revigorada,
sabe o valor que tem.
Diga à patroa também
que tudo está bem cuidado:
os terreiros bem zelados
e a comida é bem servida.
O teu lar tem de novo vida,
teu patrimônio deixado.

ANTOLOGIA



A HISTÓRIA DE NICA

Terezinha Feijão

Cordel apresentado no III Festival de Poetas - 1º lugar

Nica era uma soinha
que dona Hermínia criou.
Em sua casa habitou
desde a sua infância.
Toda sua vizinhança
sua história conhecia,
quando foi um certo dia
que virou adolescente.
Saiu de casa, contente,
pra visitar sua família.

No seu percurso diário
fazia muitas gracinhas,
brincava com as criancinhas
da casa que habitava.
Nas tarefas ajudava,
colocando no chiqueiro
os bodes e os carneiros.
E, depois que findava o dia,
todos, com muita euforia,
brincava lá no terreiro.

Nica era bem querida
por todos daquela gente.
Participava, contente,
da vida de cada um.
Tudo era em comum,
nada lhe era negado.
Com carinho e cuidado,
ela acariciava,
a cabeça ela coçava
de quem chegava a seu lado.

Vejam só a brincadeira
que a jovem adolescente,
junto ali com sua gente,
nas matas desse sertão,
com muita animação,
Nica se apaixonou
e logo engravidou.
Dois filhos ela concebeu.
Depois que os filhos nasceu,
pra mãe Hermínia voltou.

Com os dois filhos nos braços,
pra onde fora criada
voltou e achou, tão cansada,
sua mãe de criação.
Pensou: não fico na mão.
Foi pra casa de Mundinho,
seu querido irmãozinho,
que lhe acolheu com prazer,
dando abrigo e comer
a ela e a seus filhinhos.

Vejam só quanta audácia
da aventurada soinha!
Quando viu que tudo tinha,
uma voltinha ela deu.
Voltou com o esposo seu
pra aquela alegre morada,
pra viver bem sossegada
com a família reunida.
E, muito feliz da vida,
exclama: “Sou bem prendada!”

Mundinho não tem coragem
de expulsar sua irmã.
Mamão, banana e maçã
ele lhes dá todo dia.
Acerola e melancia
são comida apreciada
para aquela soinzada
fazerem a refeição.
Na casa de seu irmão,
ela está bem arranjada.

Certo dia, ela aprontou
outra de suas cilada
para ser abençoada
pelo seu pai verdadeiro.
Andaram um dia inteiro
para na casa chegar.
Comida não tinha lá.
Depressa eles voltaram,
seus sogros lhe acompanharam
pra na sua casa morar.

Mundinho anda preocupado
com tanta gente por lá,
para ele alimentar
no decorrer do dia a dia.
Com sua esposa Maria,
trabalham bem esforçados
pra não faltar o bocado
para aquele pessoal
que moram lá no quintal,
por Mundinho arranchados.

Nica já conta com seis
membros de sua família,
que na casa de Maria
merenda, almoço e janta.
Toma água, dorme e canta
com sua orquestra montada.
Com a voz bem afinada,
espalha o canto no ar.
Ninguém pode descansar
com aquela barulhada.

Maria observou
que mais um daquela gente
apareceu de repente
e a Nica cumprimentou.
A seu irmão abraçou
e falou bem de mansinho:
“Nica, o seu cunhadinho
tá passando precisão.
Aqui, em sua mansão,
ainda tem um cantinho?”

Nica lhe disse: “Pois não!
A casa também é sua,
pois aqui por essa rua
não pagamos aluguel.
A vida é doce igual mel,
comida tem com fartura,
da fruta à rapadura,
Mundinho não deixa faltar.
Morando nesse lugar,
a vida é uma doçura.”

Sete membros completou
aquela espaçosa família,
que agradece a Maria
pelo apoio e o lar.
Pois ali podem morar,
comer e dormir sossegado.
Por ninguém são abusados,
vivem tranquilamente,
têm uma vida decente
sem pagar nem um cruzado.

Como tudo chega ao fim,
logo Nica envelheceu,
adoeceu e morreu,
causando muita tristeza.
As crianças, com destreza,
fizeram seu funeral.
Lá no fundo do quintal
abriram uma sepultura.
Na terra fria e dura
botaram Nica, afinal.

MEDINHO E MEDÃO

Terezinha Feijão

Cordel apresentado no II Festival de Poetas.

No interior da cidade,
no centro do Ceará,
morava uma família:
Dona Antônia e Ribamar.
Dos filhos, tinha Pedrinho,
corajoso pra danar.

Também na casa morava
uma pequena macaquinha,
que era muito levada.
Lhe chamavam de Joaninha,
que sempre vinha aprontando
com suas belas gracinhas.

Por Pedrinho ter coragem
e não temer a ninguém,
seu pai lhe amedrontava
dizendo ter um alguém,
um fantasma ou lobisomem,
por onde ele vai e vem.

Pedrinho, sempre bem firme,
achava aquilo bobagem.
O pai retrucou dizendo:
“Cuidado com as visagens,
que aparecem no caminho,
em determinadas passagens.”

O pai falava assim:
“Vai precisar muito sabão!”
Depois de uma gargalhada:
“Se você ver o medão,
vai melar sua cueca
e ultrapassar pra o calção.”

E logo nesse momento,
bolou um plano bem sério:
“Pedrinho, vá à cidade
e obedeça aos critérios!
Volte logo antes da noite,
por conta do cemitério.”

Pedrinho, nessa hora,
sempre bem obediente,
fez o que o pai mandou
de uma forma decente.
E o medo não lhe atingia,
andando com o pé na frente.

Pedrinho foi à viagem,
e seu pai atrás seguiu.
Consigo, um lençol branco,
com o mesmo se cobriu.
De braço aberto em uma cruz,
um fantasma ali surgiu.

Seu Ribamar não percebeu
que a macaca Joaninha,
com outro lençol na mão,
seguia a mesma linha
e imitou o seu dono
numa cruz pequenininha.

Quando Pedrinho voltava
da tarefa a fazer,
viu aquela estrovenga.
Falou assim sem temer:
“O Medão e o Medinho,
que meu pai vive a dizer!”

Ao escutar a voz de Pedrinho,
resolveu olhar pra trás.
Não sabia que a macaca
tinha sido tão audaz.
Correu desesperadamente,
e a macaquinha atrás.

Pedrinho exclamou sorrindo:
ao medo ele não se entrega.
Com coragem, gritou forte,
com a voz de quem não nega:
“Corre depressa, Medão!
Senão, o Medinho te pega!”

Depois desse espetáculo,
seu Ribamar compreendeu
que Pedrinho é corajoso
e logo se arrependeu
de ter preparado o plano
do medo, que só foi seu.

LIÇÕES DE CONSELHEIRO

Diogo Miguel

Cordel apresentado no I Festival de Poetas.

No Sertão do Ceará
vejo Antônio Conselheiro,
homem de sábias palavras,
grande fiel brasileiro.
Por causa de injustiças,
foi feito de forasteiro.

Nasceu em Quixeramobim,
é gente da nossa gente.
Homem de bastante fé,
era bondoso e valente.
Morreu como um herói,
mas vive na nossa mente.

Filho de comerciante,
entre outras profissões:
professor e advogado,
ocupou várias funções.
Mas encontrou o chamado
de vagar pelos sertões.

Em sua grande jornada,
tinha Deus em sua frente.
Pregava o evangelho,
ajudando toda gente
que vivia na miséria,
com os direitos ausentes.

Construiu e reformou
igrejas e cemitérios,
alimentava os famintos
e levava muito a sério
a missão de peregrino,
que fazia sem mistério.

Muitos lhe acompanhavam,
tornando-se seguidores,
ouvindo os seus conselhos,
acalmando suas dores.
Rumo à Terra Prometida,
bem longe de seus senhores.

Em Canudos, na Bahia,
formou-se a comunidade.
Arraial de Belo Monte,
um lugar de igualdade.
Logo chamou atenção
das grandes autoridades.

O governo não gostou
do povo em união.
O massacre então começa,
sendo em quatro expedição.
Canudos é destruída,
mas nos deixou uma lição.

Conselheirista é quem luta,
é a coletividade:
ajudar a quem precisa,
dizer sim à igualdade,
ser resistência, ter fé
e seguir sua verdade.

MULHERES QUE INSPIRAM

Diogo Miguel

Cordel apresentado no II Festival de Poetas – 1º lugar.

Mulheres que deixam marcas,
mulheres que nos inspiram,
mulheres que não têm medo
do que falam ou ouviram.
Mulheres que vivem da arte,
que estão por toda parte
e sempre contribuíram.

São mães, são tias, são filhas,
são avós e são meninas.
Meninas querendo lutar,
quebrando a velha doutrina,
mostrando a sua força,
levando todas as moças
a cumprirem sua sina.

Meninas que são um doce
e não deixam de sonhar:
na poesia, na música,
na hora de educar.
São todas enaltecidas
na arte de viver a vida.
Todas têm o seu lugar.

Mulheres que, ao nascerem,
já sabiam seu valor.
Queriam mudar o mundo,
mostrando seu esplendor.
Mulheres que encontraram
a arte e encantaram
com beleza e amor.

Não há de deixar de fora
nossas mulheres guerreiras,
aquelas que, dia e noite,
vêm derrubando barreiras
para o bem da nossa gente,
para um futuro decente
e um mundo sem fronteiras.

Também não há de esquecer
as mulheres heroínas,
que nunca se importaram
quando dizem: “São meninas.”
Entre muitos se destacam,
nos lugares onde passam,
indicando quem domina.

Mulher é inspiração
para o mundo funcionar.
Elas são as responsáveis
dos sonhos sempre apoiar,
para que os sonhadores
entendam os seus valores
e nunca deixem de sonhar.

ESPERANÇAR

Diogo Miguel

Poema apresentado no III Festival de Poetas – 2º lugar

Quando o céu parecer sempre nublado
e a dor vier sem nenhum preparo,
lembre-se de cada dia passado
e que a esperança é um grande amparo.

Nos momentos em que a sombra é intensa
e o futuro parecer não clarear,
saiba que há sempre uma luz imensa,
que pode seu caminho iluminar.

No peito há uma força que não cessa,
mesmo na noite mais escura e fria.
Acredite: a vida é uma promessa.

A cura é um sonho que se inicia,
quando a fé e a coragem são guias,
e a esperança transforma seus dias.

BECO DA POESIA

Ana Mara Farias

Poema apresentado no 1º Festival de Poetas.

Nas noites escuras,
que a lua finge-se esquecida
e perde a hora de aparecer,
quando brinca de esconder-se
ou de provocar saudades.

Nessas noites,
o medo do breu e a solidão
visitam-me,
visita enfadonha, sem convite.
Sentados à beira da minha cama,
são companhias.

E eu, que nunca soube fazer sala,
corro!
Fujo pelo beco da poesia,
fuga apressada,
sem bagagens, pés descalços.
Entrelaço-me num emaranhado de palavras,
cubro-me com uma velha coberta de retalhos,
retalhos cingidos por palavras.

E o que antes era beco
torna-se universo.

DEPOIS

Ana Mara Farias

Poema participante no 2º Festival de Poetas.

Talvez, só talvez.
Deixo claro que talvez,
porque todas as minhas certezas agora se esvaíram,
e o que hoje penso
tem peso de borboleta flutuando por entre a brisa.
Talvez o depois seja capricho,
inserido por entre os espaços,
no controle do tempo.
Talvez, o depois seja o conserto das falhas,
das farpas deixadas encravadas
na passagem que virou curva, rotação.
Talvez, o depois ficou no passado, perdido.
Talvez, o depois seja o meu passo
que segue um tracejado no escuro.
Recálculo, retorno.
Talvez o depois seja o enigma
que só depois verei,
que, antes de tudo,
o meu depois sempre fora o início.
Talvez, só talvez.

SOLIDEZ EFÊMERA

Ana Mara Farias

Poema participante no 3º Festival de Poetas.

Nem sempre o sólido é forte,
nem sempre permanece.
Parecia amor,
era sólido.

Tão sólido quanto o gelo deixado sobre a mesa.
Não levou muito tempo, dissolveu.
Foi-se a umidade do paninho de prato.
E depois?
Só isso?
E depois, nem isso.
Evaporou.

Seguiram seus caminhos,
trocaram farpas,
jogaram de atirar palavras,
palavras duras,
palavras cruas.
E depois?
Evaporaram como a umidade
absorvida pelo pano de prato.

ARRAIÁ DA CASA DOS MOUTAS

Gustavo Mouta

Cordel participante no III Festival de Poetas.

No Arraiá da Casa dos Mouta,
o negócio é diferente.
É um bocado de atração,
fica lotado de gente.
Ontem teve uns caba na viola...
Pense em uns caba bom de
repente!

Tá ocorrendo tudo em paz,
não teve pedra na testa.
Assim é mais melhor
até do caba curtir a festa.

Hoje o negócio é animado,
é forró até umas horas.
Vou dançar pegado,
sem hora pra ir embora.
Só sei que a hora que eu vou
é quando o sapato sair a sola.

Quando a Lívia cantar
aquela bem apaixonada,
o Andson vira o litro
e não quer mais saber nada.

Já imagino o Bunitim,
o Wagner com sua sanfona.
Aquele solo bonito
que o caba se apaixonona.

Depois chega o Carlim,
o homem do “chega xia”.
Bota o povo pra beber
de noite até de dia.

Atenção, Andson Melo:
hoje não tem hora pra saideira.
Pode arrochar o nó na cachaça,
só não durma na barreira!

E eu, que num tomo uma,
vou encher o bucho de suco.
Arrocha o nó, Carlim:
“Chega xiaaa, malucooo!”

VERSANDO A CASA DO ALTO

Beth Mouta

Cordel participante no 2º Festival de Poetas.

Só quem conheceu vovô,
no São Joaquim morando,
naquela casa do alto
e sua família criando,
poderá compreender
o tamanho bem querer
que temos por o lugar
onde Manassés pisou
e com muito amor cuidou
pra não deixar se acabar.

Porém, antes do seu fim,
seu projeto desandou.
Por muitas dificuldades,
seu palácio desabou.
E a filharada sofrida,
com os dissabores da vida,
não conseguiu reerguer.
E a tapera abandonada
ficou lá, desabitada,
causando imenso sofrer.

A família então sonhava
com um plano genial:
de fazer naquele alto
um lindo memorial,
pra não perder a história
de uma luta notória,
da criação de um povo.
E aos poucos, em união,
foi se vendo a construção
daquela casa de novo.

Na construção desse sonho,
partiram três integrantes:
Luiz, Zé Mouta e Valere,
pessoas muito importantes.
Luís veio com o trator,
a terra ele aradou
pra tudo se iniciar.
Mas uma enfermidade
tirou a oportunidade
de ver se concretizar.

Zé Mouta se foi bem antes
da partida de Luiz,
num acidente de moto,
traíçoeiro e infeliz.
Projetava a construção
juntos com os outros irmãos,
mas não chegou nem a ver
o terreno preparado
e todo mundo empenhado
pra nova casa nascer.

Infelizmente partiu,
ainda em sua juventude,
um dos caretas da festa,
com toda sua plenitude.
Triste ficou o reisado,
pois Valere foi levado
pro plano celestial.
Ele era o substituto
de Zé Mouta no conduto
do boi nesse festival.

Gostava dos animais,
era sua devoção.
Montava nos touros bravos
e no cavalo alazão.
Me lembro da euforia
que a criançada fazia
de no seu boi passear,
sendo por ele amansado
e por seus braços guiado
pra meninada alegrar.

Chico Mouta, seu bom pai,
se apressou pra ir primeiro,
para lhe poupar a tristeza
de ver partir seu herdeiro.
Há longos anos lutava
de um mal que ele tratava,
mas a cura não chegou.
E pra tirar seu cansaço,
Deus o carregou nos braços
pra lhe livrar dessa dor.

Aos que partiram, nos resta
por suas almas rezar,
para que Deus os perdoe
e os guarde num bom lugar.
Pois eram trabalhador,
na vida de agricultor,
e hoje estão mais além.
Lá no céu, observando,
vendo se realizando
o sonho deles também.

O sentimento que temos
agora é de gratidão
por todos que se empenha-
ram
na hora do mutirão.
Cada um com sua oferta,
fazendo alcançar a meta
de um plano coletivo.
E na perfeita união,
terminar a construção
desse grande objetivo.

O Wagner com suas ferragens,
Zé Aniceto com a madeira,
o restante da família
ajuda de outra maneira.
Um cozinha, outro organiza,
e a festa se concretiza
na terra do São Joaquim,
dançando ao som dos sucesso
dos filhos de Zé Aniceto
com o Forró do Bunitim.

Tia Tereza e família
faz logo a divulgação,
com meses de antecedência,
pra ajudar na construção.
Ela é protagonista
e do reisado a artista
que alegra o terraço.
A Márcia é competente,
dançando tão bravamente
com o boi no seu espinhaço.

Não posso falar de todos,
pois são muitos ajudantes,
mas quero já ressaltar
que todos são importantes.
Na força e no financeiro
deram um apoio certo,
mesmo com dificuldades,
trabalhando no batente,
no meio desse sol quente,
com suas habilidades.

A Iolanda e a Bia,
que têm o bolso forrado,
ajudam mais no dinheiro,
porque o nosso é furado.
Tia Fátima, virtuosa,
com sua mão generosa,
engorda pato e galinha,
e o banquete é garantido,
sendo pra todos servido
na nossa humilde cozinha.

O tio Raimundo é uma fera,
é um homem sem igual.
A grandeza das suas mãos
transformaram o ideal
na realidade viva
de um sonho que se eterniza
aqui no meio do sertão.
Apesar da sua idade,
não botou dificuldade
pra ajudar na construção.

No seu trabalho, não teve
a sorte de receber
a ajuda dos irmãos
que vieram a falecer.
E os que ficaram doentes,
nessa terra padecentes,
não podem lhe auxiliar.
Mas Deus lhe deu a saúde
e força com plenitude
pra conseguir trabalhar.

Todo seu potencial
talvez foi por Deus mandado
pra nos dar a emoção
de um plano concretizado.
Com seu neto de servente,
trabalha sempre contente,
com um semblante risonho.
Seu esforço incomparável
é o maior responsável
por reerguer nosso sonho.

Que Deus abençoe as mãos
desse povo sofredor,
de todos que trabalharam
e deram um pouco de amor.
Em cada ajuda ofertada,
agradeço à parentada
por esse belo tesouro.
Que possamos estar vivos
e de novo reunidos
aqui no ano vindouro.

RECORDAÇÕES

Beth Mouta

Cordel participante no 1º Festival de Poetas – 2º Lugar.

Do meu tempo de infância
eu trago no coração
lembranças bem divertidas
com meus pais e meus ir-
mãos,
das viagens que fizemos,
pois foi assim que crescemos
lá no Quixeramobim,
passeando além da conta,
sempre com a mala pronta
pra chegar no São Joaquim.

O passeio programado
na semana anterior,
pra aguar as acerolas
nas terras do meu avô,
gerava uma euforia,
era grande a alegria
quando esse dia chegava.
Porém, a indecisão
apertava o coração
quando a picape quebrava.

O pai remendava o step,
enchia o radiador,
calibrava os pneus
com o ar do compressor.
O carro não funcionava
e nós, depressa, empurrava
pra ele pegar no tranco.
E naquele solavanco
a picape ressurgia,
fedendo a gás e falhando
e nós tudo pinotando,
dando gritos de alegria.

Nessas alturas, minha mãe
já tava bem estressada,
reclamando da leseira
do pai, fazendo massada.
De vez em quando, um zumbido
zunia no pé do ouvido
de um tabefe que ela dava.
Era assim que se aprumava
quem tava na semodagem.
E o pai, na direção,
dizia: “Ó a radiação,
se não, acaba a viagem!”

Depois de tanto destroço,
dos pregos pelas estradas,
o pai, com sua artimanha,
fazia umas gambiarras.
Tampava com durepoxi,
fazendo aquele retoque
nos furos do radiador.
E a picape esquentando,
o pobre do pai rezando
pra não bater o motor.

Finalmente, era um milagre
chegar vivo em São Joaquim.
Depois de tantos percalços
enfrentados no camim.
Porém, esses desafios
era para nós o fio
que bordava nossas histórias.
De lutas e de esperanças,
hoje só restam lembranças
e divertidas memórias.

Ao chegar no São Joaquim,
logo na recepção,
encontrava meu avô
com o seu chapéu na mão.
Sorrindo, nos afagava,
e a vovó preparava
uma gostosa refeição.
A primarada chegava
e no alpendre brincava
de roda e adivinhação.

Esse alpendre foi criança,
foi adulto, foi avô.
Esse alpendre já morreu,
mas ele ressuscitou.
Um dia foi alegria
do reisado e das folias,
das festas que ele fez.
Depois, foi abandonado,
ficando deteriorado,
quase rente com o chão.
Mas lhe devolveram a vida
e hoje, feliz, abriga
nossa nova geração.

Se esse alpendre falasse,
ele ia relatar
as promessas de amor
dos casais a namorar.
Foram muitos casamentos,
lindos acontecimentos
que o tempo não quebrou.
E os casais que ali noivaram
e no alpendre casaram,
só a morte separou.

Foi debaixo desse alpendre
que muitos bailes se fez.
Reisados e cantorias
tinha quase todo mês.
Não se pulava uma data
sem ter uma patuscada
pra alegrar o terreiro.
A paz e a alegria
fazia sua moradia
nesse alpendre o ano inteiro.

O vovô, com seus acordes,
recitava poesia,
tomando a atenção de todos
no final de cada dia.
E aquele céu prateado
era o palco preparado
pelas mãos do Criador.
As estrelas assistindo,
o universo aplaudindo
os versos do meu avô.

A vovó, na culinária,
agia com maestria.
Começava sua luta
logo no raiar do dia,
pelando milho pro pão.
Meio-dia tinha pirão
de bodó ou de galinha.
O café de tardezinha
dava aquela despertada.
E pra completar o dia,
pro jantar ela fazia
um cuscuzinho com coalhada.

Não era só na comida
que ela era habilidosa.
Nas rezas e nas mezinhas,
sua cura era poderosa.
Fazia renda e fiava,
ela também costurava
e fabricava chapéu.
Fazia da cana mel
e trabalhava na enxada.
A sua luta era dura
para a casa ter fartura
e criar a filharada.

Aquele casal honesto
deixaram o seu legado
de amor e dedicação,
de coragem e trabalho.
Foram professor da vida.
Sua família querida
aprendeu bem a lição.
O catecismo foi dado
e por eles ensinado
as bênçãos da religião.

Hoje só restou saudade
da geração que se foi,
do galo na cumieira,
também do curral de boi.
A engenhoca no estábulo...
Não existia obstáculo
para nós encher o buxo
com a garapa de cana.
Menino fazia lama,
bebendo sem muito luxo.

Depois que os velhos se foram,
a casa se acabou.
Caiu por terra as paredes,
o alpendre desabou,
ficando só o terreiro
de um lar hospitaleiro
onde se deu tanta obra.
E triste chorava lá,
sozinho a se lamentar
o nosso pé de algaroba.

A geração que chegou
ajudou reavivar
um sonho dessa família
de voltar nesse lugar.
E o alpendre, contente,
voltou a abrigar a gente
e proteger a folia,
honrando os ancestrais
que apreciavam demais
festa, verso e cantoria.

A gratidão é imensa
por essa realização
de ter o memorial
para nossa distração,
pra mostrar nossa cultura
e desse povo a bravura
no alcance de uma meta.
Com uma poesia e outra,
fazendo a Casa dos Moutas
ser a Casa dos Poetas.

Meus avós estão no céu,
felizes pela conquista,
vendo em cada filho e neto
a marca de um artista.
Cada um com sua bagagem
faz a sua homenagem
com seu dom e habilidade.
Aos que partiram, agradeço
por ter deixado esse berço
que mora a felicidade.



CASAMENTO DE SAMIRA

Beth Mouta

Cordel apresentado no 3º Festival de Poetas.

Saudações à moutarada,
aos amigos e agregados,
a todos que estão presentes,
pois são nossos convidados.
Quero pedir atenção
pra expor minha opinião
sobre um acontecimento
que essa casa sediou,
com muito brilho e glamour:
um belíssimo casamento.

Infelizmente não pude
da festa participar,
pois eu estou de repouso
para me recuperar
de uma operação,
pra corrigir a visão
e combater a miopia.
Fiquei a me lamentar
que não pude apreciar
essa noite de alegria.

Ver casamento hoje em dia
é quase uma raridade.
Os valores de outrora
viraram banalidade.
Se fica e gosta, se junta,
se abusa, manda embora.

Outra pessoa lá fora
pra namorar logo vem.
E a frase mais ouvida:
“Vamos só curtir a vida,
pois ninguém é de ninguém.”

Samira se desviou
dessa tendência atual.
Selou sua união
com a bênção divinal.
O casamento marcado
teve direito a noivado.
Todo mundo aprovou.
Pra honrar os ancestrais,
foi feito os festivais
no terreiro do vovô.

A festa ficou simbólica,
pois ela soube escolher,
começando pelo noivo,
que é bonito pra valer.
Seguindo a tradição
da antiga geração,
que casava entre parentes
para não se desviar
da cultura do lugar
onde nasceu nossa gente.

Revelou sua origem
na missa nupcial,
escolhendo a igreja
da sua terra natal,
onde o padre, emocionado,
selou o voto sagrado,
casando esses dois, enfim.
Veio lá de Fortaleza
pro meio da natureza
se casar no São Joaquim.

E foi na Casa dos Moutas
onde foi organizado
a festa pra receber
os noivos e convidados.
Tava a maior perfeição,
uma linda ornamentação
e o povo bem elegante.
E não podia faltar
o Bunitim pra tocar,
fazendo a festa dançante.

Até um robô de LED
foi também pra animar,
iluminando e dançando,
fazendo o povo brincar.
Todo mundo admirado
por na casa ter chegado
a nova tecnologia,
lembrando o tempo passado
que se fazia reisado
e os bailes de alegria.

Lá de cima, quem se foi
tá muito impressionado
por uma festa tão linda
a casa ter sediado.
Pois esse alpendre festeiro
fez casar nesse terreiro
os nossos antepassados.
Na parceria seguiram,
com honra todos cumpriram
os votos abençoados.

Parabéns pela união!
“Viva os noivos!”, a gente
diz.
Que o casamento vos faça
uma família feliz,
baseado no amor.
Possam enfrentar a dor
se houver dificuldade,
cumprindo com o compromisso
pra receber o benefício
de ser feliz de verdade.

Que o “felizes para sempre”
faça parte dessa história.
Que os desafios diários
tragam consigo as vitórias.
Parabéns ao casamento!
Que esse acontecimento
possamos de novo ver,
pois estamos aguardando
para ver também casando
quem segurou o buquê.

Não posso falar de tudo,
porque eu não tava lá,
mas as redes sociais
vieram pra fofocar.

Sei que não é nem metade
do que ocorreu de verdade,
pois a noite é uma criança.
Pra missa, janta e folia,
só vendo o raiar do dia
e o povo nessa festança.

LAR

Cláudia Mouta

Cordel apresentado no III Festival de Poetas.

A primeira casa da vila
foi meu pai que construiu,
usando o material
da outra que demoliu,
cobrindo só a metade.
Com a mudança, ele seguiu.

Em meio a uma tempestade,
muita chuva e trovão,
com meia casa coberta
foi grande a confusão.
Tivemos que enfrentar
pra honrar a profissão.

O pai que muito amamos,
com a mãe sempre por perto,
nos levou pra casa nova
só com um lado coberto,
sem se lembrar dos perigos
de um inverno incerto.

Foi em cinco de janeiro
do ano noventa e seis,
fomos dormir na casa nova
pela primeira vez.
Aí veio a chuva forte...
Olha o que a chuva fez!

Foi uma chuva com vento
que balançava a estrutura
da nossa nova morada,
sem respeitar armadura.
E nós, sem ter o que fazer,
saímos debaixo da chuva.

Naquele dia eu lembro
do medo que então sentimos.
Estávamos todos molhados,
sem ter para onde irmos.
Então o pai se lembrou:
“Vamos pra casa do Nano!”
E pra lá ele nos levou.

Foi uma noite sofrida,
sem saber o que fazer.
Pra casa do tio Mariano,
sem nem mesmo ele saber,
arrombamos sua porta
para ali nos proteger.

Voltamos no outro dia
para a antiga casa.
Não tinha nada de enxuto,
não restava quase nada.
Só tínhamos a cozinha...
Prestes a cair, a coitada.

A lenha tava molhada,
o fogo não acendia,
a porta não se fechava.
Era de dar agonia!
Mas o pai, com sua astúcia,
quase gerou energia.

Ele pegou sua plana
e começou a lixar
um pedaço de madeira
para o fogo pegar.
O melhor é que deu certo,
aí pudemos almoçar.

No tempo da construção,
muito recurso não tinha.
Ficamos só na cobertura
de uma pequena cozinha.
Mas a mãe nunca deixava
de matar uma galinha.

Com ajuda dos amigos
foi dada a conclusão
da tão esperada casa,
feita por suas próprias mãos.
Voltamos então para lá
com muita satisfação.

Foi um tempo bem difícil,
dinheiro não tinha, não.
A mãe fazia coalhada,
cuscuz, peixe e feijão.
Só não podíamos sentar,
pois as pernas das cadeiras
entravam todas no chão.

Depois da casa coberta,
o pai teve que trabalhar.
Passava a semana fora
para dinheiro ganhar,
e então concluir a obra
do nosso tão sonhado lar.

O tempo foi se passando,
a condição melhorou.
Por lá teve muitas festas,
também a gente chorou
nesse lar aconchegante
que a vida nos reservou.

Hoje esse lar abriga
genro, neto e a filharada.
Talvez a gente nem lembre
daquela noite passada
de chuva, trovão e vento,
sem se poder fazer nada.

Em meio às dificuldades
da vida dos nossos pais,
para criar a família
com seus princípios legais,
posso dizer com certeza
que a luta valeu demais.

Finalizando a história
nesse tão simples cordel:
hoje a casa tá de pé
com nosso pai, rei fiel,
faltando nossa rainha,
porque foi morar no céu.

INSPIRAÇÃO

Eunice Mouta

Cordel apresentado no III Festival de Poetas.

No terreiro iluminado,
muita gente a se achar,
com a rima bem cuidada
e a palavra a dançar.
Aqui, na Casa dos Mouta,
onde a arte vem brilhar.

No papel ou na garganta,
seja escrito ou de repente,
cada verso toma vida
no talento dessa gente.
E a poesia, com certeza,
faz morada na mente.

Tem poeta experiente,
tem também principiante.
Uns declamam com bravura,
outros leem vacilante.
Mas aqui, vale é a alma
e o coração palpitante.

Tema livre, sentimento,
improvisado ou emoção,
cada um solta seus versos
com a voz ou o coração.
E o povo bate palma
com amor e gratidão.

Seja amor ou nostalgia,
uma dor ou um encanto,
cada rima traz um brilho,
seja riso ou seja pranto.
No festival de poesia,
todo verso é um acalanto.

E assim segue a festança,
com palavra e com canção.
Que esse evento seja sempre
nosso orgulho e tradição,
pois, na rima bem escrita,
se eternize a emoção!

EFÊMERA

Samira Rachel dos Santos

Cordel apresentado no II Festival de Poetas.

A beleza que há na vida
é de quem sabe enxergar:
o raiar, o nascer do sol
e a chegada do luar.
O hoje é um simples finito,
o amanhã nos deixa aflito,
não sabemos se vai chegar.

O NATAL DOS MOUTAS

Pedro Henrique dos Santos

Cordel apresentado no III Festival de Poetas - 3º lugar.

O Natal aqui nos Moutas
sempre é muito animado.
É uma festa muito rica,
com cordel, comida e reisado,
um velho contando mentiras
e um bêbado no chão deitado.

O Natal aqui nos Moutas
é dia de alegria.
A vinda de Manassés e Jesus
comemoramos com poesia,
e assim fortalecer
os laços dessa família.

O Natal aqui nos Moutas,
dia de muita cultura:
comer uma carne assada,
tomar mel de rapadura,
se juntar com nossos primos
pra espantar a amargura.

O Natal aqui nos Moutas
é dia de emoção,
momentos de reencontros
com harmonia e união.
Viva a Manassés e Chiquita,
que vivem no coração.

ANATOMICAMENTE ANÔNIMO

Raquel Feijão

Cordel apresentado no III Festival de Poetas.

Vou falar agora em verso,
pra quem quiser aprender,
um assunto importante
todos devem conhecer.
É ele que movimenta,
sua função representa
a liberdade de andar.
Já podemos deduzir
que eu vim falar aqui
do sistema articular.

Começa pela cabeça
o sistema articular,
com sindesmose e sutura
para os ossos se apoiar,
fazendo a união
em toda a dimensão
da calota craniana.
Tem sutura sagital,
lambdoide e coronal,
e também sutura plana.

Descendo de cima a baixo,
o resto do esqueleto,
que faz todo movimento
conforme queira o sujeito.
Ligamento e cartilagem
compactam a modelagem
para manter a postura.
Articulações fibrosas
e as cartilaginosas
completam nossa estrutura.

O líquido sinovial
faz a lubrificação,
permitindo o movimento
de abdução e extensão,
circundar e aduzir,
rotacionar e fletir,
fazendo a mobilidade.
O sistema articular
serve pra equilibrar
e dar estabilidade.

O menisco amortece
e distribui o impacto.
Dentro do joelho humano,
facilitando o contato
do osso e articulação,
garantindo a união,
facilitando a passagem
do líquido sinovial,
com seu poder maestral
de nutrir a cartilagem.

O corpo tem seus segredos,
cada parte uma função.
O homem vem explorando
a divina criação.
É muito bom aprender
sobre o corpo e entender,
no estudo aprofundar,
conhecer o movimento
e todo funcionamento
do sistema articular.

QUEM SOU...

Rosinha Feijão

Cordel apresentado no I Festival de Poetas.

Eu vim lá de Pato Branco,
todos têm esse dizer,
no meu jeito de ser
pra tudo tem um jeitinho,
tenho muito carinho
por todos que aqui estão,
não paro de dar não,
na vida sempre batalho,
gosto muito do trabalho,
sou Rosa Maria Feijão.

UM PASSEIO DE BUSÃO

Rosinha Feijão

Cordel apresentado no II Festival de Poetas.

Um trabalho que é bastante
fatigante e cansativo,
mas o seu usuário
tem sempre um apetitivo
a cada viagem que faz
no transporte coletivo.

As linhas dos coletivos
vêm sempre a complementar
o tráfego de passageiros
do grande circular,
para esse ser mais vago
e dentro possa se andar.

Ao andar no coletivo,
de tudo se vê um pouco:
briga de marido e mulher
com o cobrador pelo troco,
venda de bombom e pastilha
e até de água de coco.

Ainda tem os meninos
que pulam sempre a catraca,
deixando todos nervosos,
pois nunca cala a matraca,
levando nossos pertences,
não olham a quem ataca.

O ônibus é muito lotado,
não dá nem pra respirar.
Tem gente de todo lado,
não conseguimos andar,
sem contar com os empurrões
dos que gostam de empurrar.

Na hora do desembarque,
muita força precisa ter.
O trabalho é muito grande,
temos que nos retorcer
desde o final do ônibus
até conseguir descer.

A galerinha mais jovem
na internet é viciada.
Se segura só com uma mão
para estar conectada
no Face ou no WhatsApp.
Não se importa ser empurrada.

Tem também aquele povo
que não vão envelhecer.
Não levanta nem pro trem,
não consegue perceber
as pessoas com preferência
para a cadeira ceder.

A cidade tem buracos,
o ônibus pula demais.
Xingamento ao motorista
por não olhar o que faz.
Às vezes ficamos presos
quando fecha a porta de trás.

Sem falar de uns esgotos,
quando estoura alaga a rua.
O ônibus vem bem veloz,
a verdade é dura e crua:
água entra pela janela,
melando a roupa sua.

E quando a chuva vem,
que é necessário fechar
as janelas e as claraboias,
por elas é que passa o ar,
o calor toma de conta
e haja suor pingar.

Sempre tem uma galera
que curte muito fazer
a conhecida traseira,
não importa o que vão dizer.
Cobrador fica é feliz
por um assalto não ser.

Essa é nossa realidade
que se vive dia a dia.
Entra gente e sai gente,
é uma grande correria.
De cem, se tira um
que ao cobrador dá “bom dia!”

Mas todo esse sufoco
o rico não o conhece.
A população mais pobre
é sempre a que mais perece.
Confiamos sempre em Deus
para ouvir nossas preces.

Passageiros e motoristas,
com garra eles sempre dizem:
“Preciso desse transporte,
tenho orgulho e sou feliz,
porque é o nosso trabalho
que sustenta esse país.”

SAUDADE DO SÃO JOAQUIM

Lívia Ravena

Hoje me peguei pensando
no meu tempo de menina,
do carro do Pedro Neto
que esperava na esquina.

Meio-dia, era uma agonia,
nem o almoço esperava.
Minha mãe logo dizia:
“Cuida, tá atrasada!”
E assim lá ia eu,
curtir as férias animada.

Na estrada, uma diversão:
ia calculando a rota,
pois sabia que na Pasta
tinha recheada e coca.
Quando não levava um trocado,
as tias pagavam na hora.

Na parede do Serrote,
o coração palpitava.
Via a hora o carro virar
naquela imensidão de água,
e ficava imaginando
como era que escapava.

Depois dessa agonia,
seguia viagem tranquila.
Cada passageiro descia
no destino que queria,
e a gente só ia chegar
quase acabando o dia.

Lá por volta das quatro,
ia chegando mais perto.
Depois da Vila Angelim,
o Raiz era deserto.

Com o coração na mão,
me aperreava um cadim,
porque mais na frente tinha
o açude de São Joaquim.

O carro quase vazio
sacolejava o esqueleto,
e eu, de olho fechado,
rezava logo um terço.

E na oração não escapava
nem o santo casamenteiro.

Depois daquela aflição,
a alegria era grande.
Garantia diversão
daquele dia em diante.
E meus primos aguardavam
pra danação ser gigante.

De manhã, bem cedinho,
beirando as sete horas,
o Douglas já me acordava
vestindo gibão e bota,
e dizia: “Vamo, Livinha,
deixar estrume na horta!”

E pro curral nós corria
na maior diversão.
Cada um com sua pá
enchia o carrinho de mão,
e pro canteiro descia
que nem bala de canhão.

No canteiro da tia Tereza,
todo tipo de verdura:
tomate, maxixe, coentro
e a cebola bem pura.
E a que achava bonita:
berinjela bem madura.

Eu esperava ansiosa
a hora de nós voltar.
Com aquele carrinho de mão,
pra acabar de completar,
o Douglas dizia assim:
“Sobe que eu vou empurrar.”

A carreira era grande,
a curva mal calculada.
Na porteira do curral,
o carro quase ficava.
E sem ter o que fazer,
no estrume me jogava.

A tia Tereza chamava
pra cuidar em merendar.
Eu, com o bucho nas costas,
era a primeira a entrar,
mas já pensando mais tarde
o que a gente ia aprontar.

Quando chegava a tarde,
não tinha o que inventar.
Nós ia ligeiro na Manga
o Chocolate buscar,
e nele nós andava
até a bunda assar.

Quando nós não inventava
de ir lá na Ipuera,
na casa do tio Zé Mouta
fazer umas brincadeiras,
nós montava no alpendre
uma banda forrozeira.

Com as tampas das panelas
e os baldes da cozinha,
era mais do que depressa
que montava a bateria.
E eu, toda me achando,
pensando estar arrasando,
cantava com tubo de linha.

Mas não pense, seu menino,
que tudo era diversão.
Eu passei por umas boas,
de testar o coração.
Quando a tia Tereza mandava
eu ir na bodega, avexada,
pra comprar um macarrão.

Quando eu olhava pra fora,
aquela ruma de vaca...
E eu ficava sem saber
por qual buraco passava.
O medo era tão grande
que até as pernas faltava.

E quando chegava a noite,
lá se vinha outro tormento.
Pra entrar no banheiro
era um grande sofrimento.
Em todo canto que eu olhava
havia um cururu lá dentro.

Veze outra eu fugia,
ia lá pra tia Fátima,
conversar com o Joninha,
comer azeitona e bruaca.
Com a boneca da vovó Chiquita,
passava a tarde deitada.

Minha mãe, quando ligava,
era uma grande confusão.
Eu enchia o saco dela,
chorava e rolava no chão,
dizendo: “Mande deixar
minhas roupas,
que pra casa vou mais não!”

E quando chegava o dia
de pra casa eu voltar,
ia dormir já triste,
com vontade de chorar.
Às vezes eu aprontava,
por querer, não levantava
até o carro passar.

Apesar de mais um dia
de férias eu garantir,
no outro dia não tinha
mais jeito pra eu fugir.
Pra minha casa voltava,
e no coração ficava
saúde do São Joaquim.

AH SE...

Natan Feijão

*Cordel apresentado no 1º Festival de Poetas – 1º Lugar
/ recitado por Ana Sofia*

Ah se o mundo fosse
um parque de diversão.
Ah se a gente pudesse
correr com o pé no chão.
Ah se alguém inventasse
uma máquina que transformasse
as nuvens em algodão.

Ah se as ruas virassem
uma infinita amarelinha.
Ah se o povo fosse à praça
numa ciranda, cirandinha.
Ah se a maldade sumisse
e tudo fosse criancice
em uma eterna festinha.

Ah se tudo fosse doce
e fosse tudo gostosura.
Ah se os carros que dirigimos
fossem máquina de costura.
Ah se alguém me escutasse
e junto a gente embarcasse
nessa incrível aventura.

Ah se os supermercados
só vendessem pirulito,

bombom, chiclete, pipoca,
sorvete, danone e xilito.
Ah se alguém inventasse
uma máquina que transformasse
o mundo num canto bonito.

Ah se todos os corações
se enchessem de amor,
da inocência de uma criança,
sem ódio e sem rancor.
Ah se tudo fosse uma brincadeira...
O mundo, dessa maneira,
é bem mais encantador.

SETE BESTIDADES, O GALO QUE BUSCAVA O DIA

Natan Feijão

Um velho muito sabido,
bebendo pinga no bar,
todo cheio de prosa,
começou a me contar
um causo que houve ali,
nem muito antes daqui,
nem depois do acolá.

Morava detrás da serra,
encostado da cidade.
No quintal, criava uns bichos,
um pinto de pouca idade.
Questão de seiscentos anos,
esse galo se criando,
seria bom de verdade.

Contam sete bestidades
que nesse tempo existia.
Em sete linhas se rima
um mote pra cantoria,
mas quero ver sete cabeça
achar algo que esclareça
o povo buscar o dia.

— Pois bem, é isso mesmo
— disse ele, me contando —
o sacrifício duma gente,
todos os dias do ano.
Não faz pouco tempo pra lá,
também não muito pra cá,
não queira tá duvidando!

Umás três horas da manhã
se ajuntavam numa praça.
Os troços todos que tinham:
panela, cuia, cabaça,
o que desse pra levar...
A missão era buscar
o dia que vem de graça.

Partiam sem direção,
era o maior sofrimento.
Menino, homem, mulher
presentes naquele evento.
Só que um cabra gaiato
fez tudo mudar de fato
com um pequeno investimento.

A base da criação
para o sol clarear,
dizia que o dia começa
só depois de ir buscar.
Um grande galo lendário
foi revolucionário
pro povo se libertar.

O velho inteligente,
um dia, a observar
todo aquele rebuliço,
viu que dava pra lucrar.
Botou o galo a leilão,
faturou mais de um milhão
só pra ele ir lá cantar.

O objetivo era simples:
todo dia, de madrugada,
depois que o galo cantasse,
cidade toda acordada.
Podiam ir conferir
que o sol ia sair
sem um esforço de nada.

O galo do canto mágico,
capaz de trazer o dia...
Muita gente assustada
dizia ser bruxaria.
Mas, depois de ver de perto
que o canto do bicho é certo,
fizeram muita folia.

Foi uma festa danada,
chamaram até seresteiro
para homenagear o galo.
Se ajuntou o povo inteiro.
Todo mundo agradecia
por ele trazer o dia
sem sair nem do poleiro.

Esse fato ficou famoso,
saiu até em jornal:
O Galo que Busca o Dia,
com a cantiga matinal.
Foi feita uma escultura,
de frente pra prefeitura,
bem na praça principal.

Voltando à realidade,
eu fiquei impressionado
com a astúcia do caboclo
naquele tempo passado.
Mas algo incoerente
martelou na minha mente,
depois de ter me contado:

Seiscentos aniversários
e o galo ainda pinto?
Pode ser exagero meu,
mas de fato eu não sinto
que isso seja verdade.
Essa história de bestidade
é invenção, eu desminto!

O velho, tranquilo demais,
deu um gole na cachaça:
— Menino, tu é muito novo,
todo cheio de graça.
Mas, nesse mundo afora,
já passei muitas histórias
que nem todo mundo passa.

Causos de bestidades,
tenho mais seis pra lembrar.
Agora vou seguir viagem.
Se um dia eu te encontrar,
conto o dia da chuva
que engabelei a viúva
do falecido Gaspar.

E POR FALAR EM TEMPO...

Márcia Feijão

O tempo é que traz saudade,
que aviva as nossas lembranças.
É o mestre da realidade,
leva embora esperanças.
Traz ao concreto memórias,
mas cobra pelas histórias
que vivemos nas andanças.

Não perdoa quem vacila
nem espera o arrependido,
mas guarda dentro do peito
tudo aquilo que é sentido.
Pois o tempo, mesmo estreito,
é senhor do que é vivido.

Não se engane, pois não volta
a pedra que é atirada,
a palavra que é dita,
a flor que é ofertada,
a oportunidade perdida,
a experiência vivida
já não pode ser mudada.

Portanto, viva o presente,
feito quem sabe dar valor.
O tempo passa, é corrente,
nos traz risos, nos traz dor.
As memórias do passado
ficam em aprendizado —
no futuro, esperar no amor!

PARTICIPAM DESSA ANTOLOGIA





Márcia Maria Alves Feijão, 38 anos, professora, pedagoga, cordelista e apaixonada pela literatura de cordel. Desde a infância, participa do Grupo de Reisado Boi Coração com sua família, celebrando o Natal com arte e tradição. Cresceu imersa na cultura popular, ouvindo os cordéis autorais do avô, Manassés. Hoje, dá continuidade a esse legado, como agente cultural, promovendo o cordel e o reisado como expressões vivas da identidade nordestina. Na sala de aula, inspira seus alunos a valorizar as manifestações culturais como caminho para o pensamento crítico e o respeito às raízes.



Natan Feijão, 24 anos, músico desde os 7 anos, descobriu sua paixão pelo cordel aos 10 anos quando descreveu as belezas do seu lugar em poesia. Ganhou prêmios no município de Quixeramobim escrevendo sobre a história de Antônio conselheiro no conhecido Concurso Anual “Conselheiro Vivo”. Teve seu primeiro livreto de cordel publicado aos 12 anos. Amante da música e do cordel, busca com sua arte alegrar as pessoas com quem convive e falar das belezas da sua Terra. Na sua página no Instagram @natanfeijao, divulga seus escritos de maneira simples, mas com uma riqueza de sentimentos, arte e beleza.



Terezinha Feijão, 60 anos, é cordelista, professora, artesã e traz uma proposta de cordel para descontração do público, apresentando a história da “Soinha Nica” e o reconto do conto popular “Medinho e Medão” em cordel autoral.



Diogo Miguel, 17 anos, estudante, brincante de reisado e cordelista desde os 12 anos quando escreveu seu primeiro cordel homenageando Antônio Conselheiro no Concurso Literário Conselheiro Vivo.



Gustavo Mouta, 23 anos, é cordelista, músico e traz uma proposta de cordel contando a história de um dos eventos que acontece em julho na Casa dos Moutas, o “Arraía”.



Ana Mara Farias, 39 anos, é professora de Língua Portuguesa e apaixonada pelas palavras e pelo universo que elas constroem. Utiliza a escrita como ferramenta de autoconhecimento, expressão sensível e prática terapêutica. Escreve poemas e prosas poéticas, que também integram suas práticas pedagógicas, promovendo o diálogo entre literatura, emoção e ensino.



Beth Mouta, 40 anos, enfermeira, cordelista, compositora e apreciadora da cultura popular.



Cláudia Mouta, 53 anos, técnica de enfermagem, cordelista, e apreciadora da cultura popular.



Samira Rachel dos Santos, 22 anos, é professora de Língua-
gens e encantada pelo poder das palavras. Enxerga na escri-
ta uma forma de se descobrir, colocar sentimentos pra fora e
encontrar equilíbrio. Escreve poesias e textos poéticos, e leva
essa paixão para sua sala de aula, unindo literatura, sensibi-
lidade e aprendizagem.



Pedro Henrique, 17 anos, estudante, cordelista e brincante de
reisado, é um jovem que se inspira nas vivências da família
para as suas produções.



Raquel Feijão, 35 anos, é professora, cordelista e artesã, e acredita na beleza que existe em ensinar com as mãos e o coração. Tocada pelas possibilidades da criação — seja com palavras ou com linhas —, enxerga na arte e na educação caminhos de cura, expressão e transformação. Em sua sala de aula, une sensibilidade, criatividade e afeto, tornando o aprendizado uma experiência viva e poética.



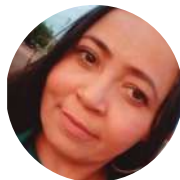
Ana Sofia, 12 anos, estudante, cordelista, musicista, brincante de reisado. Desde criança bem pequena é apaixonada por música e vem se aproximando cada vez mais da arte popular através da família e do grupo de reisado de caretas que participa (Reisado Boi Coração). Se apresenta no I Festival de Poetas, recitando um cordel escrito pelo seu tio Natan.



Livia Ravena, 24 anos, cordelista, musicista, apreciadora das manifestações da cultura popular, em especial a literatura de cordel.



Eunice Mouta, 42 anos, professora, cordelista e integrante do Coletivo de Mulheres Florescer da Algaroba.



Rosinha Feijão, 40 anos, cordelista, artesã, é herdeira do gosto pelo cordel e manifestações da cultura popular.



O Festival de Poetas surgiu nos momentos de descontração no alpendre da casa de Manassés Diogo Mouta, atualmente conhecida por Casa dos Moutas, onde membros da família se reúnem por diversas horas para contar os causos da vida em cordel.

Uma história puxa outra e depois outra... Esta antologia guarda o clima de festa e convida a todas e todos a participar desse encontro poético.